**A INCLUSÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR: desafios e possibilidades**

***Heloysa Helena de Oliveira Tomé****[[1]](#footnote-1)*

***Lusival Antonio Barcellos[[2]](#footnote-2)***

**GT 7 - Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas**

**Resumo**

Este presente trabalho visa apresentar a importância da inclusão dos povos indígenas no Ensino Superior e a preservação e disseminação dos saberes populares indígenas no enriquecimento dessa formação. Por meio da abordagem qualitativa, utilizando métodos da pesquisa bibliográfica e exploratória com base no estudo de caso dos egressos indígenas Tabajaras da Aldeia Vitória e Barra de Gramame, do Município de Conde, Estado da Paraíba em diferentes cursos da área de saúde, no Centro Universitário UNIESP. Esse estudo também contribui para a preservação do patrimônio cultural imaterial dos povos indígenas e a promoção da justiça social, garantindo que suas tradições e direitos sejam valorizados na sociedade contemporânea, permitindo uma compreensão mais ampla e integrada do mundo. À guisa de conclusão, um dos desafios significativos que atravessam o processo de inclusão dos povos indígenas no ensino superior é a necessidade de formação de docentes capacitados para lidar com a diversidade cultural.

**Palavras-chave:** povos indígenas Tabajara; ensino superior; inclusão cultural; conhecimento acadêmico;

**1 Introdução**

Os povos indígenas têm uma rica diversidade cultural e histórica, a qual deve ser respeitada e reconhecida como essenciais na formação profissional superior, enriquecendo assim o conhecimento acadêmico e a preparação de profissionais mais empáticos e sensíveis. A inclusão dos povos indígenas no ensino superior é fundamental não apenas para garantir seus direitos educacionais, mas também para enriquecer o ambiente acadêmico com diferentes perspectivas. A diversidade cultural é um pilar essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Essa abordagem enriquece a preservação do patrimônio cultural imaterial dos povos indígenas e a promoção da justiça social, garantindo que suas tradições e direitos sejam reconhecidos e valorizados na sociedade contemporânea.

O Centro Universitário UNIESP, localizado no município de Cabedelo-PB, através de sua Política de inclusão social, concedeu 5 (cinco) bolsas de estudos 100% gratuita à Indígenas Tabajaras, da Aldeia Vitória e Barra de Gramame, no município de Conde-PB. Eles escolheram os cursos de acordo com as suas vocações e as necessidades das formações na Aldeia. Os cursos escolhidos foram: Enfermagem (Bruna Flávia Rodrigues da Silva), Estética e Cosmética (Raissa Marília Rodrigues da Silva), Educação Física (Mailson Moreira), Psicologia (Janiara Araújo) e Nutrição (Natália Rodrigues Lima). Nesse contexto esse trabalho se apresenta como contribuição social no estudo de caso acerca da valorização da diversidade cultural, preservação e disseminação do patrimônio cultural, inclusão social e direitos humanos do Povos Tabajara~~s~~, no Centro Universitário UNIESP.

O Brasil com sua vasta riqueza étnica e cultural, encontra nos povos indígenas uma expressão única de tradições e saberes. Incorporar esses conhecimentos nos currículos universitários não apenas enriquece o ambiente acadêmico, mas também fomenta uma atitude de respeito, inclusão e valorização das diferentes culturas presentes no país. Essa abordagem amplia a compreensão dos estudantes sobre a complexidade da sociedade brasileira e contribui para a formação de profissionais mais conscientes e inclusivos.

Dentre o contexto essa pesquisa ainda tem como objetivo mostrar a importância preservação e a disseminação dos saberes populares indígenas no enriquecimento da formação superior. Sendo esta uma fonte importante de inovação acadêmica, ao reconhecer que os povos indígenas possuem conhecimentos significativos em áreas como medicina tradicional, manejo sustentável dos recursos naturais, astronomia e organização social. Assim, a integração dessas perspectivas diversificada pode impulsionar pesquisas e projetos inovadores, enriquecendo o campo acadêmico com novas metodologias.

Nessa perspectiva a contribuição da ciência para o desenvolvimento cultural e religioso indígena também é significativa, ao fornecer acesso a novas informações e tecnologias que podem enriquecer suas práticas tradicionais e fortalecer sua identidade cultural. Assim afirma Amaral (2010, p. 474):

[...] a atuação dos novos profissionais indígenas no meio urbano e rural nos municípios e região onde habitam também pode potencialmente alterar a leitura, compreensão e as relações sociais, políticas e culturais dos moradores do entorno das terras indígenas acerca da realidade indígena, vindo a afirmar ou superar os preconceitos atualmente existentes.

Ainda vale ressaltar que a inclusão dos saberes indígenas na educação superior é crucial para a formação de profissionais culturalmente capacitados a interagir respeitosamente com diferentes culturas estão melhor preparados para atuar em um mundo cada vez mais globalizado e multicultural. Em campos como a saúde, educação e assistência social, é vital que os profissionais compreendam e respeitem as tradições e crenças das comunidades indígenas. Essa compreensão permite um atendimento mais humano e eficaz, melhorando a qualidade dos serviços prestados e promovendo a inclusão social.

Neste trabalho de abordagem qualitativa foi utilizado os métodos da pesquisa bibliográfica e exploratória com base o estudo de caso do objeto da pesquisa os egressos indígenas do Centro Universitário UNIESP. Segundo Gil (2002, p. 162) “revisão da literatura é dedicada à contextualização teórica do problema e a seu relacionamento com o que tem sido investigado a seu respeito”. O autor ainda enfatiza que “mediante revisão da literatura e discussão com pessoas que tiveram experiência com o assunto, vão progressivamente tornando o problema mais específico” (Gil, 2008, p. 36).

**2 Fundamentação teórica**

O povo indígena Tabajara tem sua trajetória marcada por lutas, conquistas e resistência. No final do século XIX, foram desapropriados de suas terras no litoral sul paraibano, uma região de ocupação colonial e antigos aldeamentos. Esse processo resultou no silenciamento e na invisibilidade dos Tabajara, que foram considerados extintos. No entanto, através da transmissão oral de lembranças afetivas familiares e de sua mitologia, eles conservaram suas tradições em memórias vivas. “No século XXI, os Tabajara emergiram em um processo de reivindicação de sua identidade e de seu território tradicional, no Sítio dos Caboclos, na antiga Sesmaria da Jacoca, no município de Conde-PB” (Barcellos; ~~e~~ Farias, 2015, p. 16).

De acordo com Barcellos e Farias (2015, p. 13), “os Tabajara originam-se da língua Tupi, com sua etimologia indígena derivando de "taba" (aldeia) e "jara" (de yara), significando "Senhores da Aldeia". Desde o final do século XIX até o início do século XXI, esse povo preservou sabiamente seus costumes, tradições e ancestralidade”.

Como muitos povos indígenas, os Tabajara enfrentam diariamente desafios como o processo de demarcação de suas terras, acesso a políticas públicas, respeito à sua identidade e cultura, e a garantia de seus direitos como povos originários. No contexto de ressurgência, os Tabajara estabeleceram sua organização política interna, criando hierarquias e atribuições específicas para funções dentro da comunidade. A estrutura organizacional inclui caciques, que representam a principal liderança, com grande responsabilidade por serem os representantes do povo, tanto dentro quanto fora da aldeia. Eles ocupam uma posição de destaque na mediação de conflitos e na busca de soluções, além de fortalecer a comunidade por meio de estratégias políticas eficazes, (Barcellos; ~~e~~ Farias, 2015).

Atualmente, cada uma das quatro aldeias dos Tabajara (Vitória, Barra de Gramame, Nova conquista Taquara e Bernardo Severo) possui seu próprio cacique. Dentro dessa estrutura, existem diversas organizações, como as Associações das Aldeias, o Conselho de Saúde e os grupos de mulheres: Moaras (na Barra do Gramame) e Niaras (na Aldeia Vitória). Os anciãos são respeitados e vistos como conselheiros, detentores de sabedoria tradicional, contribuindo para a organização da comunidade e o fortalecimento e resistência de sua cultura originária. A dinâmica indígena é fluida e contínua de acordo com a transmissão dos conhecimentos dos antepassados. (Vale, 2008, p. 19).

A construção do conhecimento é um processo que se desenrola ao longo do tempo. Trata-se de uma jornada lenta e desafiadora, que demanda receber informações e construir saberes. Aprender vai muito além de simplesmente acumular conhecimento transmitido (Freire, 2022). Deve envolver uma reconstrução ativa do saber, onde se é possível avançar, questionar, contestar e compreender de forma mais profunda.

Estudos demonstram que os jovens indígenas enfrentam barreiras como a falta de preparação acadêmica, preconceitos raciais e a desvalorização de suas culturas nos currículos universitários (Coqueijo, 2019). Além disso, os estudantes indígenas enfrentam dificuldades de adaptação ao ambiente acadêmico, que muitas vezes não considera suas especificidades culturais (Farias 2021). No entanto, iniciativas como programas de cotas, políticas afirmativas e parcerias com comunidades indígenas têm mostrado resultados positivos na promoção da inclusão. Assim relata Baniwa (2019, p. 168) “São inegáveis as conquistas e os avanços de inclusão social no âmbito das políticas públicas brasileiras nos últimos 20 anos, destacadamente no campo do acesso à educação superior por parte de segmentos sociais historicamente excluídos, como são os povos indígenas”.

Neste contexto, Segato (2014, p. 69) argumenta que “a busca por autonomia muitas vezes desconsidera a importância da relação entre ensino e estudo como uma unidade indispensável no processo de aquisição do conhecimento”. Ele~~s~~ sugere~~m~~ que a construção de um método para adquirir, elaborar e descobrir conhecimentos parece ser mais valiosa do que simplesmente absorver conhecimentos elaborados por outras pessoas. Usam a analogia de desbravar uma mata fechada, comparando a autonomia a tentar construir uma trilha perfeita sozinho, enquanto entender o processo de criação de uma via de acesso já existente pode levar com segurança ao outro lado da mata, considerando os desafios já enfrentados por outros desbravadores. Observar e compreender esse processo de construção pode permitir ir além, contribuindo para a criação de novas trilhas com alternativas ainda melhores.

Os aspectos culturais e religiosos desempenham um papel fundamental na formação dos estudantes indígenas, representando a essência de sua identidade e conexão com suas raízes ancestrais. Segundo Barcellos (2014, p. 16), “a cultura para os índios é mais do que simplesmente um conjunto de costumes e tradições, é um modo de vida que permeia todas as esferas de sua existência, desde sua relação com a natureza até suas práticas sociais e rituais”. Nesse contexto a integração da cultura com os conhecimentos científicos na formação profissional indígena deve um pilar importante a ser considerado pela Instituição de Ensino Superior.

A preservação e valorização da cultura indígena entre os povos é essencial para fortalecer sua autoestima, resiliência e senso de pertencimento em um mundo muitas vezes marcado pela marginalização e pelo preconceito. Como também vale ressaltar a importância da religiosidade que desempenha um papel central na vida dos estudantes indígenas Tabajara~~s~~, fornecendo-lhes um sistema de crenças que orienta suas ações e valores e oferecendo conforto espiritual em tempos de dificuldade (Barcellos; Farias, 2015, p. 18).

Na educação dos estudantes indígenas é necessário incorporar e respeitar suas tradições culturais e religiosas, reconhecendo que esses aspectos são parte integrante de sua identidade e enriquecem sua experiência de aprendizado. Diante o exposto, Barcellos e Farias (2015, p. 19), fala que “os estudantes indígenas devem ser encorajados a promover e celebrar suas tradições culturais e religiosas dentro do ambiente escolar, criando um espaço seguro e acolhedor para expressar sua identidade cultural”.

Assim “Os novos profissionais indígenas trazem na sua bagagem formativa os conhecimentos acadêmicos sistematizados buscados e aprendidos na universidade e colocados, possivelmente, a serviço das comunidades” (Amaral, 2010, p. 466).

De acordo com Baniwa (2019, p. 21):

Tais sujeitos coletivos indígenas apresentam habilidades potencialmente relevantes para as lutas indígenas, como o domínio de ferramentas modernas preciosas e inovadoras que podem reforçar substantivamente as trincheiras das lutas indígenas, por meio do domínio e manejo crescente das novas tecnologias de comunicação e informação, das mídias digitais (CD e DVDs) e da presença e participação marcante nas redes sociais, sites, blogs etc., além da presença e diálogo constantes com as autoridades públicas e privadas, por estarem nas sedes administrativas dos municípios e estados ou próximas delas.

Os professores e educadores que trabalham com estudantes indígenas necessitam receber capacitação e orientação adequadas para compreender e respeitar suas tradições culturais e religiosas, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso. Pois, ao reconhecer e valorizar os aspectos culturais e religiosos na formação dos estudantes indígenas, podemos ajudá-los a se tornarem líderes e agentes de mudança em suas comunidades, preservando e promovendo sua herança cultural para as gerações futuras. Essa troca de conhecimento e experiência é um enriquecimento para a experiencia profissional dos professores e demais estudantes com a aquisição dos conhecimentos e práticas tradicionais.

**3 Resultados e Discussão**

A culminância deste trabalho equivale à colação de grau dos estudantes indígenas no Centro Universitário UNIESP, onde todos os estudantes indígenas envolvidos nessa pesquisa concluíram o curso escolhido, não obtendo a desistência de nenhum dos estudantes, comprovando a importância da inclusão dos saberes indígenas na educação superior, em vias de promover uma educação mais equitativa. Em campos como a saúde, educação e assistência social, é fundamental que os profissionais compreendam e respeitem as tradições e crenças das comunidades indígenas. Essa compreensão permite um atendimento mais humano e eficaz, melhorando a qualidade dos serviços prestados e promovendo a inclusão social. Profissionais capacitados a interagir respeitosamente com diferentes culturas estão melhor preparados para atuar em um mundo cada vez mais globalizado e multicultural.

Durante a formação pode se perceber através de momento de conversas com os professores e estudantes o quanto foi enriquecedor para a comunidade acadêmica essa integração do conhecimento científico com os conhecimentos culturais e religiosos indígenas. Durante esse período foram realizados diversas atividades e eventos na Aldeia e no Centro Universitário UNIESP que envolvesse a cultura e a religiosidade indígena.

**4 Considerações Finais**

Com a trajetória explicita, obtivemos a esperança de que para avançar na inclusão dos povos indígenas no ensino superior é crucial uma base sólida para compreender melhor a relação entre os povos indígenas e o ensino superior, por meio de programas que respeitem e integrem as culturas indígenas à comunidade acadêmica. Nessa ação do Centro Universitário UNIESP, pode-se observar o quanto foi enriquecedor para os docentes e discentes dos cursos a presença desses universitários indígenas, nas discussões e troca de conhecimentos culturais e religiosos indígenas e dos conhecimentos científicos. Comprovando que se faz necessário promover um diálogo constante entre as Instituições de Ensino Superior e as comunidades indígenas para garantir que suas vozes sejam ouvidas nas decisões que afetam sua educação.

A inclusão dos povos indígenas no ensino superior é um passo vital para a promoção da justiça social e da diversidade cultural. Um dos desafios significativos é a necessidade de formação de professores capacitados para lidar com a diversidade cultural. A superação dos desafios requer um esforço conjunto entre instituições educacionais, governo e comunidades indígenas. Somente assim será possível construir um futuro onde todos tenham acesso igualitário à educação superior.

**Referências**

AMARAL, Wagner Roberto do.*As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná:* sujeitos e pertencimentos. 2010. 586 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BANIWA, Gersem. *Educação escolar indígena no século XXI*: encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula/Laced, 2019.

BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane Silva. *Memória Tabajara:* manifestações de fé e de identidade étnica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BARCELLOS, Lusival Antonio. *As práticas educativo-religiosas dos índios Potiguara da Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

COQUEIJO, Fernanda Luna Maciel. *Cota não é esmola*: Análise da eficácia social da Lei nº 12.711/2012 para estudantes indígenas na Universidade Federal da Paraíba. 2020. 202f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

FARIAS, Eliane. *Estudo sobre as práticas educativas do povo indígena Tabajara da Paraíba no século XXI.* 2021. 335f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidad Internacional Iberoamericana, Porto Rico, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SEGATO, Rita Laura. *Que cada povo teça os fios de sua história*. Revista de Direito da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, p. 65-92, 2014.

VALE, Cláudia Netto do; RANGEL, Lucia Helena. *Jovens indígenas na metrópole*. *Revista ponto-e-vírgula*, n. 4, p. 254-259, 2008. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/14190/10416. Acesso em: 24 jul. 2024.

1. Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Assessora Acadêmica do Centro Universitário UNIESP. E-mail: heloysa.hhot@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutor em Educação pela UFRN. Docente do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: lusivalb@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)